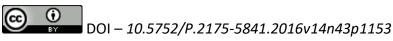


Resenha



BOECHAT, Walter. **O Livro Vermelho de C. G. Jung.** Petrópolis: Vozes, 2014.

Lauro Eustáquio Guirlanda de Moura *

Uma reflexão sobre o papel do Livro Vermelho – Líber Novus, de Jung, (Petrópolis: Vozes, 2010), na psicologia analítica e na cultura. Assim podemos resumir **O Livro Vermelho de C.G. Jung** (Petrópolis: Vozes, 2014), de Walter Boechat, médico, doutor em Saúde Coletiva e analista junguiano. Boechat se destaca por ser um dos maiores conhecedores e divulgadores da obra de Jung no Brasil, tendo feito sua formação no Instituto Carl Gustav Jung em Zurique, na Suíça. Também já foi presidente da Associação Junguiana do Brasil, sendo um dos seus fundadores.

O autor começa fazendo um resumo do que cercou o lançamento do Livro Vermelho (doravante abreviado por LV), em 2009, quarenta anos após o falecimento de Jung, pois a família do médico suíço só autorizou a publicação nessa data. O LV foi exposto na Biblioteca do Congresso, em Washington, Estados Unidos, e na Bienal de Veneza, com grande sucesso em ambos os eventos. Foi esgotado no site de compras Amazon antes de chegar às livrarias. Segundo o autor, "sem receio de estarmos exagerando", trata-se de "um dos mais importantes lançamentos editoriais dos últimos tempos" (p. 24). Em que pese o exagero, para os estudiosos da obra de Jung sem dúvida a afirmação procede.

Resenha recebida em 25 de março de 2016 e aprovada em 04 de agosto de 2016.

^{*} Médico psiquiatra e mestrando em Ciências da Religião na PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: lauroguirlanda@hotmail.com

Em seguida, o autor reflete sobre a "gestação" do LV. Para ele, o LV se originou ainda na infância de Jung, sendo parte do processo de individuação do próprio Jung. Ele destaca que o LV não é originado da crise de meia-idade que Jung apresentou na época que iniciou a escrita do livro (1913), mas essa crise faz parte do processo iniciado anteriormente. Jung, dessa forma, no LV, "é o paciente, o método e o próprio terapeuta (p. 30)".

O autor começa então a explicar a estrutura do LV. Para ele, o LV tem semelhanças com algumas grandes obras da literatura universal, citando como exemplo As Confissões de Santo Agostinho, A Divina Comédia de Dante, Assim Falou Zaratustra de Nietszche e A Odisséia de Homero. É também um livro de aparência medieval, sendo uma narrativa de caráter íntimo e pessoal, onde Jung se confronta com as imagens que lhe vêm à mente, durante o seu processo de imaginação ativa. Essas imagens constituem fontes de inspiração para o desenvolvimento posterior de suas teorias. Jung irá trabalhar com as imagens de duas formas: uma com o pensamento racional, tentando explicar psicologicamente as imagens. E outra com o pensamento simbólico, que tenta compreender as imagens, amplificando-as, tentando ver motivos universais (arquetípicos) nelas, deixando-se fascinar por elas.

O tema dos heróis também é trabalhado no LV. Jung tem uma visão dele próprio fazendo uma espécie de armadilha para derrotar Siegfried, herói mitológico, clássico, guerreiro solar. Porém esse herói é contrabalanceado pelo herói trickster, o herói não clássico, o herói malandro que nós brasileiros conhecemos bem. Através também do resgate do herói Izdubar, Jung simboliza, com a sua visão, o resgate do pensamento mitológico através da imaginação, passagem que o autor considera das mais importantes do LV.

Em seguida o autor faz uma digressão significativa do conteúdo do LV, para abordar os limites entre a criatividade e a loucura, no caso de Jung. Em 1913, Jung considerou que poderia estar ficando psicótico, quando teve a visão da Europa

mergulhada em sangue. Mas ele se enganou, pois depois ficou curado. O psicanalista inglês Donald Winnicott considera que Jung foi um caso raro de esquizofrenia infantil que se curou. Porém Donald Kalsched, um analista junguiano, não viu sinais de psicose na infância de Jung. Boechat considera que apesar de Jung ter passado um período de fragilidade psíquica e confusão de conteúdos do seu inconsciente pessoal com o Inconsciente Coletivo, não podemos falar em psicose no caso de Jung. O LV foi, dessa forma, um método de elaborar as suas vivências do inconsciente, que abriu portas para um processo criativo intenso que viria anos depois. Se tomarmos essas vivências inconscientes de forma transversal, de fato poderíamos pensar em psicose, porém se pensamos longitudinalmente, as vivências fizeram parte de um processo de transformação (destruição) criativa.

Boechat então nos mostra o papel do LV na construção de novos caminhos para a prática da psicoterapia junguiana, destacando a importância do conceito de função transcendente na teoria junguiana. A função transcendente é aquela operada pelo centro da psique, o self, que unifica nela os seus elementos opostos, como o consciente e o inconsciente, o conceitual e o estético, a tese e a antítese, a ciência e a arte. A função transcendente produz um símbolo, um terceiro a partir dos dois anteriores. Esse símbolo mais frequentemente vem sob a forma de imagens, de produção espontânea, muitas vezes através de sonhos. Outras formas mais comuns de símbolos produzidos pela função transcendental são vozes interiores, expressões artísticas corporais ou, mais raramente, através de escritura automática. Assim, a psicoterapia junguiana se diferencia da psicanálise freudiana por permitir não apenas a fala, indo "mais-além" dela, através da não-fala, da confecção de desenhos e outras técnicas expressivas. Esses símbolos elaborados pelo self podem expressar até mesmo a transferência do paciente. Segundo o autor, no início da análise são frequentes os sonhos com o arquétipo do Velho Sábio, indicando que a psique constelou esse símbolo para indicar que um novo caminho começará a ser tomado pelo sujeito.

No capítulo seguinte, Boechat faz uma análise do papel dos mortos no LV e em toda a obra de Jung, especialmente no livro *Memórias, Sonhos , Reflexões*. Jung dialoga com os mortos em várias partes do LV, às vezes esses mortos são espíritos sem nome, às vezes personificados, como Elias, Salomé e Ezequiel. É importante salientar que a tese de doutoramento em medicina de Jung foi um estudo de caso de uma médium, sua prima, e pode-se dizer que já havia nesse estudo o cerne de grande parte de sua obra posterior, no sentido que o espírito que se apossava da médium era uma parte inconsciente dela, que ainda não tinha sido integrada. Isso mostrava a capacidade da psique se dissociar. Assim, a interpretação do simbolismo da comunicação com os mortos, para Jung, reside no fato de eles representarem partes do sujeito que recebe a comunicação. Essas partes necessitariam ser melhor integradas à consciência, como parte do processo de individuação.

Em um dos capítulos mais extensos do livro, Boechat explica a importância do mandala para a psicologia analítica, símbolo que também se mostra presente no LV. O mandala (palavra do sânscrito que quer dizer "círculo mágico") é um importante símbolo do arquétipo do Si-mesmo. Isso significa que qualquer forma circular ou que se organize de forma circular remete à ideia da totalidade, da restauração da harmonia e da cura psíquica. Boechat, para exemplificar, cita o caso de dois pacientes. Uma paciente tinha dificuldades de expressão verbal, e só conseguiu expressar sua raiva através do desenho de um mandala, desenho esse que deu início a um processo de transferência e melhora do quadro. Outro paciente, bipolar psicótico, iniciou quadro grave de agitação maníaca saindo a esmo pela cidade. Quando encontrou o símbolo do antigo Banco Nacional, que possui a forma circular, parou e se tranquilizou. O mandala assim é uma forma da psique tentar se curar de algo que a abala, de forma similar ao que acontece quando o corpo tenta combater uma infecção. Jung também fez seus mandalas no LV, um deles chamado de "Systema Munditotius". Esse mandala envolvia símbolos órficos, e o orfismo foi uma religião que teve grande importância histórica, pois foi uma das primeiras a incluir a culpabilidade pessoal no seu sistema de crenças. Isso foi de certa forma uma característica precursora do cristianismo, ao se destacar da religião homérica oficial (BOECHAT, 2014, p. 145). Os mandalas na obra de Jung culminariam com as suas teorias sobre a simbologia do número 4 (quatérnio), também indicador de totalidade.

A pintura que Jung realizou de Filêmon, figura alada que representa um velho sábio da religião gnóstica, é talvez uma das mais conhecidas do LV. Filêmon representou para Jung uma personificação do seu Si-mesmo, que tinha evoluído de Salomé e de Elias. Filêmon assim representa o arquétipo do Velho Sábio constelado na psique de Jung, como parte avançada do seu processo terapêutico.

O LV é uma obra que olha para o passado, referindo-se a diversas figuras antigas e escrito de forma medieval. Mas também olha para o futuro, e nessa perspectiva Boechat faz um resumo das contribuições do LV para a psicologia, especialmente a psicologia analítica. A primeira contribuição é que o LV nos ensina sobre o processo de personificação das emoções: no processo terapêutico, encontrar uma figura que simbolize o confronto com o inconsciente tem poder curativo. A segunda é que o LV ajudou Jung a elaborar e construir o conceito de Simesmo, contribuição única e original da psicologia analítica. A terceira foi que a elaboração do LV levou Jung a perceber as características da psique objetiva (também conhecido como Inconsciente Coletivo). Por fim, o LV sugere que se acrescente uma prática à psicoterapia atual: o uso de técnicas expressivas (nãoverbais) na função terapêutica, como desenhos, pinturas e esculturas.

A obra de Boechat traz importantes insights e interpretações sobre o Livro Vermelho de Jung, explicitando de que forma o LV pode contribuir para a prática da psicoterapia (especialmente a de inspiração junguiana). É verdade que Boechat faz muitas digressões ao longo do livro, mas sempre para explicar ou amplificar algum tema presente no LV de Jung. Para aqueles que não terão possibilidade de ler o LV de Jung, que apresenta grande dificuldade aos não iniciados na psicologia analítica, a obra de Boechat faz um resumo bastante completo e acessível, sem no

entanto eliminar a necessidade de ler o original. Para aqueles que já leram o LV, Boechat fornece interpretações de grande riqueza, mostrando porque ele é um dos mais experientes analistas junguianos do Brasil. O livro de Boechat é um grande incentivo e atiçador da curiosidade em se conhecer o original de Jung.

Para os estudantes das Ciências da Religião, o livro de Boechat representa a possibilidade de um contato mais aprofundado e atualizado com pensamento junguiano, a partir de uma espécie de resumo que o autor faz do LV. A chave de interpretação junguiana permite aos estudiosos das Ciências da Religião uma leitura simbólica e arquetípica do conteúdo expresso nos textos sagrados e nos símbolos das grandes religiões.

Ao se debruçar sobre a função transcendente, o livro de Boechat permite ao estudante uma compreensão psicológica do efeito benéfico da religiosidade sobre a psique. A função transcendente permite a união de conceitos opostos e contraditórios, muito frequentes nas religiões, de forma a produzir um símbolo "estabilizador".

O pensamento junguiano tem se apresentado com força renovada na Academia, devido a oferecer novas chaves de leitura para os problemas da contemporaneidade, para além de perspectivas reducionistas e positivistas ainda encontradas no ambiente acadêmico.